

QUANDO O CARTEIRO CHEGAR. FOTOGRAFIAS.

Mário Rui Feliciani.

[São Paulo, Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes/

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004, 152 p.]

O caderno de “Imóveis” da *Folha de S. Paulo*, em 26 de abril de 1998, determinava tendências decorativas de “caixas de carta”: “Esqueça aquela caixinha de alumínio, velha e manchada, pregada no portão: dá para manter a correspondência em segurança sem comprometer a aparência da casa”. Alguns anos antes, a câmara fotográfica de Mário Rui Feliciani captava justamente a beleza humilde dessas “caixinhas” nos casebres da periferia da capital paulista e arredores. Essas imagens, expostas em 1995 na Agência dos Correios Central de São Paulo e, em seguida, em outros espaços culturais, suscitaram manifestações de apreço popular. Entre setembro de 2006 e março de 2007, foram também exibidas no Musée de La Poste, em Paris. Reunidas no livro *Quando o carteiro chegar*, organizado pelo editor Cláudio Giordano e pela artista gráfica Cláudia Lammoglia, essas fotos de grande voltagem lírica poderiam ter por epígrafe um trecho de carta de Aluísio Azevedo a um amigo, em 1912, transcrita no volume. Na missiva, o autor de *O cortiço* desvela a sua grandeza de alma, espelho fiel desse comovente livro de imagens: “Meu coração não pertence aos felizes e bem dotados pela sorte; meu coração pertence [...] aos desamparados”.

Os artefatos produzidos em série também revelam aspectos da cultura de um povo. As caixas de correspondência suntuosas em “estilo colonial” com brasão da república (!) ou pombos-correios em alto-relevo, “em lação dourado” com leão em destaque, ou ainda, imitando

“bolsa do correio norte-americano”, sublinham, em grande parte, o desejo de ostentação econômica e a amplitude de nossa dependência cultural. Quando, porém, nos debruçamos sobre instrumentos de fatura popular, encontramos um mundo muito maior de sugestões antropológicas.

As caixas de correios que enfeitam residências modestas, nascem sob o signo da adaptação, da reciclagem de materiais, tornando-se objetos únicos. Uma lata de tinta vazia recebe uma abertura horizontal no fundo; dependurada em uma árvore, diante da casa, espera pelo carteiro. Ripas e compensados de madeiras, coloridos ou não, calhas de PVC, folhas-de-flandres, ganham também a forma de receptáculos. Amarradas em traves, mourões, incrustadas em muros toscos, encarapitadas em portões, as caixas destacam-se na fachada pobre. Confirmam, enfim, que a “necessidade é a mãe da invenção”, na afirmativa certa de Feliciani. A singularidade desses objetos e a capacidade que a fotografia tem de potencializar esteticamente o prosaico pela tomada do ângulo, pelos contrastes da cor, pelo inusitado das formas em seu ambiente, etc, garantem o aspecto artístico das imagens, a “plasticidade” notada por Arcângelo Ianelli na apresentação do livro. O fotógrafo promove, assim, como Manuel Bandeira na poesia, a nobilitação do “humilde cotidiano”.

Para além do caráter estético, pode-se explorar o plano simbólico dessas imagens de caixas de correios. Afinal, o que significa a insistência em se recriá-las como pequenas casas? Tanto as caixas-casas produzidas em série, quanto as mais simples reproduzidas no livro, possuem certamente um traço metonímico. Evocam inicialmente a “hospitalidade” com que se abrigam as notícias dos parentes e amigos distantes. Como a carta possui um traço anímico, pois sempre traz algo da “alma” de

quem a escreveu, cabe ao destinatário acolher o “outro” (representado pela missiva) em ambiente familiar, acolhedora. Impõe-se também a noção de “segurança”, de “privacidade”. A fissura que acolhe a carta, símile do “cofrinho” de moedas, realiza, enfim, o trânsito possível do espaço público para o privado. Na caixa-casa comprada em qualquer estabelecimento de material de construção, vigora a exigência de uma sobriedade sensaborida ou a ostentação dos detalhes de uma luxuosa “casa de boneca”. Naquelas fabricadas por gente simples, acentua-se o traço primitivo dos inconfundíveis telhadinhos dos desenhos de criança. Irregulares, precariamente pintadas, essas caixas de cartas tornam-se, assim, símiles em escala menor da própria casa do dono, construída sob o signo da dificuldade, da improvisação.

Na vilegiatura pelas imagens de *Quando o carteiro chegar*, intriga a necessidade desse homem mais simples, vivendo em aglomerados de ruas sem nome, de produzir um artefato para acolher um tipo de documento que, provavelmente, só receberá uma vez na vida, outra na morte. Compreendo essa atitude como um ajuste psicológico e um procedimento de afirmação social. Ter caixa de correio pode significar a posse efetiva de um endereço, traduz o desejo de ter uma identidade reconhecida socialmente, afinal, em última instância, os Correios poderão, algum dia, localizá-lo. Ou, em poucas palavras, as caixas de correspondência rústicas expressam a recusa da exclusão social e a humanização da existência marginalizada. Daí a vontade que esse homem tem de valorizá-la, pintando-a, enfeitando-a com desenhos de corações, setas, flechas etc. E para que não haja dúvida de sua visibilidade e importância, escreve-se nela “cartas”, “correio”, em caligrafia descuidada, mas impositiva.

No campo das expressões psicológicas inusitadas, Mário Rui Feliciani, em sua saborosa linguagem crônica, relata a história do idoso Saravá, mentalmente desajustado, distante da mulher e dos filhos que um dia o abandonaram. Como um totem da solidão, da impossibilidade de diálogo com o mundo, erige-se a sua caixa de correios: um bloco de cimento com a abertura voltada para baixo, pintado, coberto por uma folha de latão, amarrado a um caibro e... sem a fissura que pudesse acolher a correspondência. O sofrimento é permanentemente revivido nesse desejo de comunicação (a presença da caixa de correio) e na sua impossibilidade (a ausência da fenda). De um lado, a abertura para a esperança, de outro, o fechar-se do ressentimento. Ou, nas palavras do fotógrafo: “A caixa fechada. Pintada com cuidado. A carta que nunca vem. Que não quer que venha. Que quer que venha. A falta da fresta na caixa”.

Quando o carteiro chegar torna-se um marco na produção editorial sobre a história das condições materiais da correspondência no Brasil. Deve ser valorizado pela qualidade artística das imagens e das reproduções, pela quantidade de reflexões que instiga, pelo sentimento lírico evocado pelas fotos. Aguardemos agora um livro de crônicas de Mário Rui Feliciani, narrando as peripécias vividas ao fixar amorosamente as singelas caixas de correio da periferia.

Marcos Antonio de Moraes é professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo. Organizou a *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira* [Edusp/ IEB-USP, 2000]. Prepara a edição da *Correspondência reunida de Mário de Andrade*.